Pathé: 80 anos na vida do Rio

Gilberto Ferrez

Meu avô Marc Ferrez (1843-1923) foi um grande fotógrafo e era amigo dos Lumière. Quando eles inventaram o cinematógrafo, Marc Ferrez e meu pai, Júlio Marc Ferrez (1881-1946), estavam em Paris e foram visitá-los. Viram o cinematógrafo e ficaram encantados. Júlio logo sentiu que aquele divertimento teria um grande futuro e em 1905 obteve a representação da Pathé Frères, fábrica de aparelhos e filmes cinematográficos.

A firma Marc Ferrez & Filhos (Júlio e Luciano) vendia os projetores Pathé e Gaumont para todo o Brasil. Como ainda não havia eletricidade, também fornecia conjuntos de eletrogênio. Antes da inauguração dos cinemas da Avenida Central as salas não tinham uma programação certa, exibiam pequenas fitas de cerca de 100m que não chegavam a uma hora de duração e completavam a programação com números de palco, música, mágica etc. Marc Ferrez & Filhos foram os primeiros a garantir uma programação regular aos cinemas, fornecendo duas fitas por semana.

Vendo o cinema fazer sucesso, Marc Ferrez e Júlio resolveram abrir uma sala de projeções. Mas no contrato com a Pathé e a Gaumont havia uma cláusula que impedia a firma Marc Ferrez & Filhos de ser proprietária de cinemas. Como Arnaldo Gomes de Souza já tinha um café-concerto no Passeio Público, Marc Ferrez convidou-o para sócio e assim nasceu a Arnaldo & Cia., firma que em 17 de setembro de 1907 inaugurou o Cinematographo Pathé nos prédios 147 e 149 da Avenida Central, logo depois da abertura do Parisiense. O símbolo do cinema era um galo.

As lojas onde se instalou o primeiro cinema Pathé pertenciam ao coronel Gustavo José de Matos, que alugou-as por cinco anos. O primeiro filme exibido no Pathé foi *Max Quer Patinar* (*Les Débuts d'un Patineur*, 1907), de Max Linder. A sessão inaugural foi muito concorrida e na platéia estavam, entre outros, Julião Machado e Arthur Azevedo.

No início do século o movimento maior da Avenida Central (atual Rio Branco) ocorria no trecho compreendido entre a Rua do Ouvidor e a Galeria Cruzeiro. Ninguém queria se estabelecer do lado ímpar porque era o lado onde o sol batia à tarde e as senhoras não gostavam de freqüentar em virtude do calor. Todas as lojas comerciais e os cinemas deveriam ficar localizados no lado par. Mas alugavam as lojas do lado ímpar porque eram mais baratas. O primeiro Pathé surgiu do lado ímpar, o lado do sol.

Mas terminado o prazo do contrato de locação das lojas 147 e 149, o Pathé transferiu-se em 11 de abril de 1912 para o lado nobre da Avenida, o da sombra à tarde, ocupando o prédio n. 116. Foi o único cinema a se mudar para o lado par. E passou a funcionar sob a firma Marc Ferrez & Filhos. No lugar do antigo Pathé surgiria depois o Palais.

O segundo Pathé tinha 550 cadeiras com assentos de palhinha, uma escadaria de ferro trabalhado e uma bela bilheteria de bronze. Em toda a volta das galerias havia uma série de telas pintadas por Henrique Bernardelli. O prédio ficava ao lado da Associação dos Empregados do Comércio. Ele fechou no dia 1º de dezembro de 1940 e em seu lugar foi construído um edifício onde hoje funciona um banco. As pessoas que freqüentaram os cinemas do Rio até a década de 40 certamente se lembram do Pathezinho, como ficou conhecido após a abertura do Pathé Palácio em 1928.

No tempo do cinema mudo as fitas eram acompanhadas por uma orquestra. O Pathé contratou o maestro Costa Júnior, que assistia aos filmes antes e fazia uma orquestração adequada. Naquela época todos os cinemas possuíam orquestras. As salas maiores, como o Pathé e o Odeon, tinham orquestras na sala de espera e na sala de projeções.

No dia 1º de outubro de 1928 foi inaugurado na Cinelândia o Pathé Palácio, que passou a se chamar Pathé depois do fechamento do Pathezinho da Avenida Rio Branco.

A Casa Marc Ferrez nunca exibiu filmes de Walt Disney, exclusivo da firma Severiano Ribeiro. Porém ao ser lançada a obra-prima de Disney, *Fantasia*, ele veio pessoalmente abrilhantar o lançamento. Após percorrer todos os cinemas da Cinelândia ele exigiu que o seu filme fosse exibido no Pathé, por causa do belo som da casa. Assim foi e *Fantasia* obteve um sucesso extraordinário, ficando 11 semanas em cartaz. *Fantasia* foi lançado com a presença oficial do Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, fato inédito no País.

As fachadas do Pathezinho eram simples. Mas com o Pathé da Cinelândia a fachada vai se tornar quase uma obra de arte. Na segunda metade da década de 20 chegou ao Rio um soviético que era especialista em fazer cenários para teatro. Ele passou a fazer painéis maravilhosos para as fachadas do Pathé. Um verdadeiro cenário.

O Pathé continua até hoje no mesmo lugar, na Cinelândia.